

A ESCOLHA DA CARREIRA DOCENTE: COMPLEXIFICANDO A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

THE CHOICE OF TEACHING CAREER: A MORE COMPLEX SOCIOLOGICAL APPROACH

Cláudio Marques Martins Nogueira*

Flávia Juliana de Almeida**

Kelly Aparecida de Sousa Queiroz***

Resumo

Servindo-se de dados sobre a trajetória escolar de professores do Ensino Fundamental da rede pública de Minas Gerais¹, o texto analisa aspectos do processo de escolha, por parte dos sujeitos da pesquisa, dos seus cursos superiores e da própria profissão docente. Analisa-se inicialmente a própria experiência do vestibular: se foram feitos outros vestibulares antes daquele para o curso de formação para a docência e se ocorreram experiências anteriores de aprovação ou reprovação nos mesmos. Em seguida, investiga-se a reação dos familiares à escolha profissional dos entrevistados: se eles incentivaram ou não e por quais razões. Finalmente, são considerados os motivos que levaram à decisão por essa área de formação: sobretudo a contraposição entre gosto pela profissão e razões mais pragmáticas. Em todos os pontos da análise, investigou-se em que medida o comportamento dos sujeitos variava segundo sua trajetória escolar na Educação Básica, a instituição em que fizeram ou fazem seu curso superior, o curso específico que realizaram ou realizam no Ensino Superior (Pedagogia, Normal Superior ou outras licenciaturas), além de outros atributos sociais (escolaridade da mãe e raça/cor).

Palavras-chave: Escolha do Curso Superior, Escolha da Profissão Docente.

Abstract

Based on data collected from the trajectory of teachers who work in public elementary schools in the state of Minas Gerais, Brazil, this paper analyzes aspects of the process of choice, on the part of these teachers, of their undergraduate courses and the teaching profession itself. At first, the experience of vestibular (Brazilian universities entrance examination) is analysed, whether the teachers had submitted to other entrance examinations before entering the teaching training course they actually attended, and if they had failed or been successful in these other prior entrance examinations. Then the reaction of relatives to the professional choice of respondents is assessed: whether they stimulated the students or not and for what reasons. Finally, we considered the reasons for the choice of area: specially the counterbalance between the taste for the profession and other pragmatic reasons. At all points of the analysis, we investigated to what extent the individuals' behavior varied according to their school trajectory in elementary education, the college they attended or still attend, the specific course they have enrolled/are enrolled in (Pedagogy, Normal Superior or other degrees), and other social attributes (mother's education and skin colour/ethnicity).

Key words: *Choice of Bachelor Degree Course, Choice of Teaching Profession.*

1 Introdução

Neste texto, analisaremos, a partir da perspectiva sociológica, um momento crucial das trajetórias sociais e escolares de docentes do Ensino Fundamental: aquele em que é feita a escolha² do curso superior e realizado o vestibular.

Em síntese, pode-se dizer que as pesquisas sociológicas sobre a escolha do curso superior apontam duas conclusões básicas. Primeira, a de que o perfil dos estudantes varia fortemente de acordo com o curso frequentado. Os indivíduos não se distribuem aleatoriamente entre os diversos cursos em função de supostas preferências ou interesses de natureza idiossincrática. Ao contrário, essa distribuição está estatisticamente relacionada às características sociais, perfil acadêmico, etnia, sexo e idade do estudante. Segunda, a de que existe um importante e complexo processo de autosseleção (acadêmica, socioeconômica, por gênero e étnico-racial) na escolha do curso superior. Os indivíduos tenderiam a já se candidatar aos cursos “mais adequados” ao seu perfil social e escolar³.

Essas duas conclusões conduzem muitas vezes a uma interpretação, até certo ponto, simplista e dicotômica do processo de escolha do curso superior. Os indivíduos com um perfil social e escolar mais favorável teriam diante de si um leque bastante amplo de possibilidades e poderiam, portanto, efetivamente, escolher os cursos de que mais gostam, ou, pelo menos, que são considerados em seu meio social como mais vantajosos do ponto de vista do retorno econômico e simbólico. Os indivíduos com perfil social e escolar menos favorável teriam que optar, por sua vez, em função de suas limitações econômicas e das fragilidades de sua formação escolar, pelo que é objetivamente acessível para eles, ou seja, pelos cursos menos seletivos e com menor retorno econômico e simbólico.

Dentro dessa visão dicotômica, os alunos das licenciaturas, e especialmente os de Pedagogia e Normal Superior, são normalmente identificados como pertencentes a esse segundo grupo. No que se refere especificamente aos alunos de Pedagogia, pode-se ver, por exemplo, por meio do Censo Socioeconômico e Étnico da UFMG⁴, que eles apresentam um perfil social e escolar bem menos favorável que o da média da universidade. Sua escolha por Pedagogia, um curso menos seletivo e de menor prestígio social⁵, é assim explicada como resultado de uma adequação ou de um ajustamento de suas preferências às suas condições objetivas.

Em pesquisa anterior (Nogueira, 2007; Nogueira e Pereira, 2010), sem pretendermos propriamente negar essa explicação mais geral sobre o processo de escolha do curso de Pedagogia, procuramos investigar em que medida esse processo varia em função da existência de diferenças secundárias nas trajetórias e nos perfis sociais e escolares dos candidatos envolvidos. Assim, analisamos o efeito dessas diferenças no modo como os indivíduos escolhem o curso (com maior ou menor antecedência), nos motivos pelos quais escolhem (mais pelo gosto ou por razões pragmáticas), no grau de segurança manifestado (mais ou menos em dúvida sobre a escolha que fizeram) e na reação dos familiares (mais ou menos favoráveis à decisão dos filhos).

Sinteticamente, os resultados mostraram que os candidatos com perfil social e escolar mais elevado pensam mais cedo em fazer um curso superior, mas se decidem mais tarde por Pedagogia. Esses mesmos indivíduos escolhem mais por gostarem da área ou da profissão do que por razões práticas, mas têm mais dúvida sobre a escolha que fizeram, além de contarem bem menos com o apoio dos pais, desejosos de que fosse feita opção por um curso de maior prestígio. A decisão por Pedagogia, sobretudo no caso desses alunos com perfil social e escolar mais elevado, é influenciada também por certas contingências em suas trajetórias: o fato de terem pessoas próximas que trabalham na área de educação, de terem tido uma relação especialmente favorável com a escola em que estudaram ou com alguns dos seus professores e dificuldades para adaptação em outro curso superior iniciado ou no campo profissional de um curso superior já concluído, entre outras.

Essa abordagem mais detalhada revela como é complexo o processo de escolha de um curso superior e como são insuficientes as explicações mais gerais formuladas no campo da Sociologia. Não basta identificar o perfil socioeconômico e escolar médio dos alunos ou candidatos de um determinado curso e mostrar que há uma correspondência com o nível de seletividade, prestígio e

retorno financeiro médio do curso em questão. É preciso analisar diferenças secundárias entre os candidatos ou alunos aprovados em um determinado curso superior e avaliar o impacto dessas diferenças sobre o modo como é vivido o processo de escolha do curso em questão.

Na presente pesquisa, procuramos dar um passo a mais na direção dessa abordagem mais complexa do processo de escolha do curso e da carreira, focalizando três dimensões: 1) a experiência do vestibular; 2) a reação dos familiares à escolha dos entrevistados; e 3) os motivos da escolha. No que se refere à experiência do vestibular, consideramos se os professores pesquisados haviam feito outros vestibulares antes daquele para o curso de formação para a docência e se ocorreram experiências anteriores de aprovação ou reprovação nos mesmos. No que concerne à reação dos familiares à escolha profissional dos entrevistados, avaliamos se estes foram ou não incentivados e por quais razões. Finalmente, no que tange aos motivos que levaram à decisão por essa área de formação, analisamos, sobretudo, a contraposição entre gosto pela profissão e razões mais pragmáticas. Em todas as partes da análise, investigamos em que medida o comportamento dos sujeitos da pesquisa ou de seus familiares (no caso da segunda dimensão aqui focalizada) variava segundo sua trajetória escolar na educação básica, a instituição em que fizeram ou fazem seu curso superior, o curso específico que realizaram ou realizam no ensino superior (Pedagogia, Normal Superior ou outras licenciaturas), além de outros atributos sociais (escolaridade da mãe e raça/cor).

2 Análise dos Dados

Antes de passarmos para a análise de cada uma das três dimensões do processo de escolha da profissão e da carreira docente aqui investigadas, cabe apresentar alguns dados descritivos gerais da população pesquisada. Nesse sentido, é importante considerar que 97,4% da amostra são formadas por mulheres. A idade varia de 26 a 66 anos, sendo que 36,4% têm até 41 anos, 40% entre 42 e 49 e 23,6%, entre 50 e 66 anos. A grande maioria fez o curso de magistério no Ensino Médio, 85,1%. Quanto ao curso superior, 58% fizeram Pedagogia, 18% Normal Superior, 19% outras licenciaturas e 5% outros cursos superiores⁶. A maior parte, 50,9%, concluiu o curso na década de oitenta, 26% na década de setenta e 22,1% nos anos de 1990 ou 2000. A amostra foi composta por professores das redes Estadual, 44%, e Municipal, 56%, que atuavam no quinto ano do Ensino Fundamental, tendo respondido ao questionário nas próprias escolas onde atuam.

Nas três próximas seções analisaremos, então, conforme já anunciado, a experiência do vestibular, a reação dos familiares à escolha da profissão e da carreira docente por parte dos entrevistados e os motivos apontados pelos próprios professores para a sua escolha.

2.1 A Experiência do Vestibular

Os dados da Tabela I mostram em que medida a experiência do vestibular foi diferente para os alunos que se formaram ou que ainda estudam em cada um dos conjuntos de instituições de ensino superior. Um primeiro ponto a ser observado é que o percentual de alunos que foi direto para o curso de Pedagogia ou para outra licenciatura sem prestar outros vestibulares é menor nas instituições de Belo Horizonte do que nas do interior (44% na UFMG e 45% nas particulares de Belo Horizonte, contra 50% nas federais do interior e 52% nas particulares do interior). A exceção seria a UEMG: 52% dos entrevistados formados ou que ainda estudam nessa instituição dizem que não prestaram outros vestibulares.

A experiência no vestibular dos alunos vinculados à UEMG também difere da experiência daqueles da UFMG em outros aspectos. Nenhum deles havia feito vestibular anteriormente para esse mesmo curso e sido reprovado. Esse percentual é de 12% na UFMG. Na UEMG, apenas 12% fizeram vestibular para outros cursos e não foram aprovados. Esse percentual é de 26% na UFMG. Finalmente, vale observar que 20% já haviam concluído outro curso superior antes de fazer Pedagogia ou outra licenciatura na UEMG. Esse percentual é de 0% na UFMG. Sinteticamente, os dados nos sugerem que a UEMG atrai, por um lado, alunos mais novos, que vão direto para Pedagogia ou outra licenciatura, sem tentarem outros vestibulares, e, por outro, alunos mais velhos, que já haviam feito outros cursos superiores antes de se decidirem se direcionar para a docência. Já a UFMG atrairia para a Pedagogia ou licenciatura alunos que já enfrentaram mais percalços no seu caminho rumo ao curso superior: 36% foram reprovados anteriormente, contra 12% na UEMG; 44% foram direto para os cursos de formação de professores, contra 52% na UEMG.

Uma hipótese a ser melhor averiguada é a de que a UFMG, como maior universidade do Estado e com o vestibular mais seletivo, atrairia para seus quadros alunos com expectativas mais altas do ponto de vista de sua inserção no Ensino Superior. Esses tentariam, portanto, mais vezes, entrar em outros cursos superiores (provavelmente de maior prestígio) antes de se reorientarem para a Pedagogia ou outras licenciaturas (vistos como cursos de menor prestígio). Já a UEMG atrairia alunos que, possivelmente por sua origem social, descartaram mais cedo o objetivo de fazerem cursos de maior prestígio e se direcionaram diretamente para a carreira docente. Atrairia igualmente alunos que já fizeram outros cursos, provavelmente mais velhos, para os quais enfrentar, nesse momento, o vestibular da UFMG talvez pareça um sacrifício desnecessário. Vale, ainda, lembrar que a localização da UEMG no centro de Belo Horizonte e a existência da Pedagogia em

três turnos constituem atrativos especialmente importantes para candidatos com perfil socioeconômico mais baixo (para quem os custos de transporte para a UFMG, mais distante, pesam mais) e para aqueles que já trabalham (que precisam conciliar os horários de estudo e trabalho).

Tabela I – Experiência do Vestibular X Instituição em Que Concluiu ou Está Fazendo o Curso.

	UEMG		UFMG		Instituições federais do interior/outros estados		Particulares de BH		Particulares do interior/outros estados		NR		Total	
Prestou vestibular para esse curso e não foi aprovado			4	12%	1	2%	4	8%	3	5%	2	18%	14	6%
Prestou vestibular para outro(s) curso(s) e não foi aprovado	3	12%	9	26%	11	26%	6	12%	13	20%			42	18%
Prestou vestibular para outro(s) curso(s), foi aprovado, iniciou e depois interrompeu	2	8%	2	6%	6	14%	9	18%	7	11%	1	9%	27	12%
Prestou vestibular para outro(s) curso(s), foi aprovado, iniciou e já concluiu	5	20%			3	7%	4	8%	6	9%	1	9%	19	8%
Prestou vestibular para outro(s) curso(s), foi aprovado e não iniciou	2	8%	4	12%			5	10%	2	3%	2	18%	15	7%
Não prestou outros vestibulares	13	52%	15	44%	21	50%	23	45%	34	52%	5	45%	111	49%
Total	25	100%	34	100%	42	100%	51	100%	65	100%	11	100%	228	100%

Apesar dessas diferenças observadas entre UFMG e UEMG, instituições situadas em Belo Horizonte, os dados coletados nos indicam que, em termos gerais, permanece um certo contraste entre a experiência do vestibular vivida na capital e aquela transcorrida no interior. Como já havia sido dito, os professores que estudaram em Belo Horizonte se submeteram mais a outros vestibulares antes de fazerem vestibular para Pedagogia ou outra licenciatura do que seus colegas do interior (54% já haviam feito outros vestibulares contra 45% no interior).

As Tabelas 2 e 3 mostram que a experiência do vestibular também é afetada pela rede de ensino em que o atual professor fez seu Ensino Fundamental e Médio. Os alunos provenientes da rede pública orientaram-se diretamente para a Pedagogia ou outra licenciatura num percentual significativamente mais elevado do que seus colegas da rede privada (50% versus 41%, no Ensino Fundamental; 54% versus 42% no Ensino Médio).

Tabela 2 – Experiência do Vestibular X Rede em Que Coursou Maior Parte do Ensino Fundamental.

	Rede pública		Rede privada		Total	
Fez para este curso e não foi aprovado	11	6%	2	5%	13	6%
Fez para outros cursos	79	43%	24	55%	103	45%
Não fez vestibular anterior	91	50%	18	41%	109	48%
NR	2	1%			2	1%
Total	183	100%	44	100%	227	100%

Tabela 3 – Experiência do Vestibular X Rede em Que Coursou Maior Parte do Ensino Médio.

	Rede pública		Rede privada		Total	
Fez para este curso e não foi aprovado	7	5%	7	8%	14	6%
Fez para outros cursos	54	40%	45	49%	99	44%
Não fez vestibular anterior	73	54%	38	42%	111	49%
NR	1	1%	1	1%	2	1%
Total	135	100%	91	100%	226	100%

Os dados coletados mostram, ainda, que a rede em que se fez a educação básica também afeta a decisão entre Pedagogia, Normal Superior, outra licenciatura ou outro curso. Os professores que estudaram na rede pública, seja no Ensino Fundamental ou no Médio, direcionaram-se mais ao Normal Superior que seus colegas oriundos da rede privada (19% versus 11%, no caso do Ensino Fundamental; 20% versus 13%, no caso do Ensino Médio). A realização do curso Normal Superior é também um pouco mais frequente entre os alunos do interior: 54% dos alunos desse curso estudam ou estudaram no interior contra 46% no caso dos que fizeram ou fazem Pedagogia.

Outro aspecto que parece influenciar o processo de tomada de decisão no momento do vestibular é o fato de se ter ou não feito o magistério no Ensino Médio. Em primeiro lugar, vale ressaltar o fato, já anunciado, de que 85% dos professores pesquisados haviam feito o magistério. Isso indica a importância desse curso como definidor da trajetória dos alunos nos estudos superiores. Em segundo lugar, é preciso notar (Tabela 4) que os professores que fizeram magistério no Ensino Médio direcionaram-se diretamente para os cursos de Pedagogia e Licenciatura num percentual um pouco mais elevado que os segundos. Em terceiro lugar, vale observar (Tabela 5) que os que fizeram magistério escolheram Pedagogia ou Normal Superior (em detrimento das outras licenciaturas ou outros cursos) em uma proporção maior do que os que não fizeram. Em quarto lugar, é interessante constatar que a influência do magistério varia conforme a época em que foi realizado (Tabela 6). Entre os que concluíram o magistério nos anos setenta, 73% foram direto para os cursos de formação docente sem prestarem outros vestibulares. Esse percentual caiu para 45% na década de 1980 e para 40% entre os que se formaram após 1990. Com relação ao magistério, cabe finalmente considerar que uma proporção maior dos professores que estudaram ou estudam no interior fizeram essa modalidade de Ensino Médio em comparação com os da capital (88% versus 81%). Esse fato talvez ajude a explicar a escolha mais direta (sem realização de outros vestibulares) pela Pedagogia e Licenciaturas entre os professores do interior, conforme foi ressaltado.

Tabela 4 – Experiência do Vestibular X Magistério no Ensino Médio.

	Sim	Não	Total
Fez vestibular para este curso e não foi aprovado	13 7%	1 3%	14 6%
Fez para outros cursos	84 43%	18 53%	102 45%
Não fez vestibular anterior	95 49%	15 44%	110 48%
NR	2 1%	2 1%	
Total	194 100%	34 100%	228 100%

Tabela 5 – Curso Superior X Magistério no Ensino Médio.

	Sim	Não	Total
Pedagogia	106 59%	17 53%	123 58%
Normal Superior	33 18%	4 13%	37 18%
Outra licenciatura	32 18%	8 25%	40 19%
Outro curso superior	8 4%	3 9%	11 5%
Total	179 100%	32 100%	211 100%

Tabela 6 – Experiência do Vestibular X Ano de Conclusão do Magistério no Ensino Médio.

	até 1979		nos anos de 1980		depois de 1990		NR		Não se aplica		Total	
Fez para este curso e não foi aprovado			6	7%	4	10%	2	9%	2	6%	14	6%
Fez para outros cursos	12	27%	42	48%	20	50%	11	50%	18	51%	103	45%
Não fez vestibular anterior	32	71%	39	44%	16	40%	9	41%	15	43%	111	48%
NR	1	2%	1	1%							2	1%
Total	45	100%	88	100%	40	100%	22	100%	35	100%	230	100%

2.2 A Reação dos Familiares

Os dados da Tabela 7 nos mostram que a reação dos familiares diante da escolha dos entrevistados por fazerem Pedagogia, Normal Superior ou outra licenciatura varia segundo a instituição em questão. Entre aqueles que se formaram ou ainda estudam na UEMG e na UFMG, 72% tiveram o incentivo dos familiares. Esse percentual varia entre 81% e 85% nos demais casos.

Tabela 7 – Instituição do Curso Superior X Reação dos Familiares.

	UEMG		UFMG		Instituições federais do interior/outros estados		Particulares de BH		Particulares do interior/outros estados		NR		Total	
Não incentivaram	7	28%	9	27%	7	16%	9	18%	12	18%	2	18%	46	20%
Incentivaram	18	72%	24	73%	36	84%	41	82%	53	82%	9	82%	181	80%
Total	25	100%	33	100%	43	100%	50	100%	65	100%	11	100%	227	100%

O incentivo dos familiares mostra-se associado também à rede de ensino em que os entrevistados fizeram o Ensino Fundamental, como mostra a Tabela 8. Enquanto 83% dos familiares cujos entrevistados fizeram o Ensino Fundamental na rede pública incentivaram a escolha dos mesmos por cursos superiores voltados para a docência, esse percentual é de 64% entre os familiares dos entrevistados que cursaram o Ensino Fundamental na rede privada. Uma hipótese básica que pode ser sugerida aqui é a de que os pais e os familiares com um nível socioeconômico mais alto tenham expectativas mais altas em relação aos filhos e, portanto, não se satisfaçam com a opção dos filhos por cursos voltados para a docência⁷.

Essa hipótese é reforçada pelos dados da Tabela 9, na qual se vê que quanto mais escolarizadas as mães, menor o incentivo recebido pelos entrevistados em relação à sua opção de curso. A Tabela 10 talvez possa ser interpretada na mesma direção. Se considerarmos o fato de que no Brasil a raça/cor da pele está fortemente associada ao nível socioeconômico, o fato de os entrevistados brancos terem recebido menos incentivos de seus familiares pode ser facilmente compreendido.

Tabela 8 – Rede em Que Cursou Maior Parte do Ensino Fundamental X

Reação dos Familiares.

	Rede pública		Rede privada		Total	
Não incentivaram	31	17%	15	34%	46	20%
Incentivaram	151	83%	28	64%	179	79%
NR	1	1%	1	2%	2	1%
Total	183	100%	44	100%	227	100%

Tabela 9 – Reação dos Familiares X Escolaridade da Mãe.

	Nunca estudou	Ensino Fund.	Ensino Médio	Ensino Superior	NR	Total
--	---------------	--------------	--------------	-----------------	----	-------

			Completo ou incompleto		completo		completo					
Não incentivaram			26	17%	9	24%	9	36%	2	33%	46	20%
Incentivaram	12	100%	121	81%	28	76%	16	64%	4	67%	181	79%
NR			3	2%							3	1%
Total	12	100%	150	100%	37	100%	25	100%	6	100%	230	100%

Tabela 10 – Reação dos Familiares X Cor da Pele.

	Branco		Pardo/mulato		Negro		Amarelo		Indígena		Total	
Não incentivaram	32	23%	10	18%	2	9%			1	100%	45	20%
Incentivaram	108	76%	46	82%	20	87%	4	100%			178	79%
NR	2	1%			1	4%					3	1%
Total	142	100%	56	100%	23	100%	4	100%	1	100%	226	100%

A reação dos familiares também varia conforme os entrevistados tenham feito ou não o curso de magistério (Tabela 11). Entre os professores que cursaram o magistério, 80% receberam o incentivo dos familiares. Esse percentual cai para 68% entre os demais. Aqui parece razoável supor que os familiares dos entrevistados que já haviam feito o magistério consideraram o prosseguimento dos estudos em direção a um curso de formação de professores como uma continuação natural e, portanto, apropriada.

Tabela 11 – Reação dos Familiares X Magistério no Ensino Médio.

	Sim		Não		Total	
Não incentivaram	35	18%	11	32%	46	20%
Incentivaram	156	80%	23	68%	179	79%

NR	3	2%	3	1%
Total	194	100%	34	100%
	228	100%		

A Tabela 12 sugere, finalmente, que a idade de conclusão do Ensino Médio interfere na reação dos familiares. Diante de filhos que concluíram o Ensino Médio mais cedo, os pais incentivam menos e o inverso no caso daqueles que concluíram mais tarde. Uma hipótese a ser considerada é a de que o fato de os filhos terem tido uma trajetória escolar bem-sucedida, ou pelo menos regular, até o Ensino Médio, tenha feito os pais desenvolverem expectativas mais elevadas, acreditando inclusive na possibilidade de realização por parte dos filhos de cursos de maior prestígio. O fato de termos poucos casos de respondentes que concluíram o Ensino Médio com 25 anos ou mais nos obriga, no entanto, a ser cautelosos nas nossas conclusões.

Tabela 12 – Reação dos Familiares X Idade de Conclusão do Ensino Médio.

	Até 18 anos		Entre 19 e 24 anos		25 anos ou mais		Total	
Não incentivaram	35	23%	10	16%	1	9%	46	20%
Incentivaram	118	76%	53	83%	10	91%	181	79%
NR	2	1%	1	2%			3	1%
Total	155	100%	64	100%	11	100%	230	100%

2.3 Os Motivos da Escolha

Com relação a este item, o que chama mais atenção é que a grande maioria dos respondentes, 77%, nega que a maior facilidade de aprovação no vestibular dos cursos escolhidos tenha sido um fator importante na sua tomada de decisão, conforme mostra a Tabela 13. Inversamente, o gosto pela área e/ou profissão de professor é apontado por 84% dos respondentes como um fator muito importante para a sua decisão. Teríamos, então, uma situação que contradiz completamente a concepção de que os cursos de licenciatura e, particularmente, os de Pedagogia e Normal Superior

seriam escolhidos principalmente por candidatos que não teriam condições para passar em outros cursos mais seletivos, independente de possuírem ou não um gosto significativo pela área ou profissão.

Tabela 13 – Importância dos Fatores na Decisão de Fazer Pedagogia ou Outra Licenciatura.								
	Pouco importante		Parcialmente importante		Muito importante		Total	
Ser um Curso que Permite Conciliar com o Trabalho	51	24%	35	17%	126	59%	212	100%
Maior Facilidade de Aprovação no Vestibular Desse Curso	164	77%	36	17%	13	6%	213	100%
Gosto Pela Área de Educação e/ou Profissão de Professor	8	4%	28	12%	188	84%	224	100%
Possibilidades de Fazer Concurso Público Para Professor	59	28%	64	30%	89	42%	212	100%
Possibilidades de Trabalhar em Meio Horário (Único Turno)	106	50%	55	26%	52	24%	213	100%
O Fato de Já Trabalhar na Área de Educação	53	24%	23	11%	142	65%	218	100%

Essa interpretação, no entanto, tem que ser feita com muita cautela. Em primeiro lugar, é preciso observar que, além do gosto propriamente dito, os respondentes apontam fatores mais pragmáticos para o fato de terem escolhido os cursos de formação de professores. Assim, 65% dizem que foi muito importante o fato de já trabalharem na área, 59% apontam a importância de ser um curso que permite conciliar com o trabalho e 42% ressaltam a possibilidade de fazerem concursos públicos para a área de Educação. Não se trata, portanto, de uma escolha motivada simplesmente pelo gosto, mas igualmente por razões práticas.

Ser um curso que permite conciliar com o trabalho	39	23%	27	16%	103	61%	12	30%	8	20%	20	50%	209	100%
Maior facilidade de aprovação no vestibular desse curso	133	78%	26	15%	11	6%	29	73%	9	23%	2	5%	210	100%
Gosto pela área de educação e/ou profissão de professor	5	3%	20	11%	154	86%	3	7%	7	17%	32	76%	221	100%
Possibilidades de fazer Concurso público para professor	44	26%	49	29%	75	45%	15	37%	14	34%	12	29%	209	100%
Possibilidades de trabalhar em meio horário (único turno)	84	49%	44	26%	42	25%	21	53%	9	23%	10	25%	210	100%
O Fato de já trabalhar na área de Educação	41	24%	16	9%	116	67%	11	26%	7	17%	24	57%	215	100%

Os dados coletados nos sugerem ainda que a escolha por Pedagogia ou outra licenciatura é influenciada também pela idade com que os entrevistados concluíram o Ensino Médio. Aqueles que concluíram mais tarde e que, portanto, tiveram uma trajetória escolar menos regular, atribuíram maior importância a todos os fatores mencionados, com exceção do gosto pelo curso ou área de Educação.

Já com relação aos indivíduos que começaram seus cursos superiores mais tempo após terminarem o Ensino Médio, os dados mostram que eles atribuem maior importância ao fato de já trabalharem na área.

3 Considerações Finais

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho nos sugerem pistas interessantes a serem perseguidas em novas investigações. Fica claro como a experiência do vestibular, a reação dos familiares e os próprios motivos que levam os entrevistados a escolherem cursos voltados para a formação docente variam em função de diferentes fatores associados aos seus perfis e trajetórias escolares e sociais.

O tamanho relativamente pequeno da amostra aqui considerado e o fato de termos desenvolvido até o momento apenas análises estatísticas básicas nos fazem ser cautelosos, evitando generalizações a respeito da escolha dos cursos superiores em questão ou da própria carreira docente.

Ficam evidentes, de qualquer forma, a possibilidade e a importância de se estudarem de maneira mais complexa os processos sociais que direcionam os indivíduos aos diferentes cursos superiores e à formação docente em particular. Esses processos variam conforme a localização geográfica (interior ou capital), o perfil das instituições de ensino superior e os cursos considerados, a trajetória escolar pregressa dos candidatos (escolas públicas ou privadas, percursos com ou sem atrasos, realização ou não do magistério no Ensino Médio) e o perfil social dos familiares (aqui indicados pela escolaridade dos pais e pela cor/raça), entre outros fatores.

É preciso, portanto, ir além da constatação sociológica já clássica da existência de correlações entre o perfil das carreiras e cursos superiores (hierarquizados em termos de sua seletividade e retorno material e simbólico) e o perfil social e escolar dos candidatos. Cabe abordar de maneira mais complexa os múltiplos fatores envolvidos na construção social dessas correlações.

Notas

[1] Todos os dados analisados neste texto foram produzidos no interior da pesquisa interinstitucional: “A formação, o trabalho dos docentes que atuam no Ensino Fundamental e a avaliação sistêmica das escolas mineiras: um estudo comparado”. Trata-se de investigação desenvolvida ao longo do ano de 2009 por pesquisadores da UEMG, UFJF, UFMG, UFOP, UFSJ e UFV, sob coordenação da Profa. Assunção Calderano. Foram aplicados 230 questionários a professores do 4º ano do Ensino Fundamental nas cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Mariana, São João del-Rei e Viçosa. A pesquisa foi financiada pela FAPEMIG.

2 Por escolha não se entende uma decisão necessariamente livre, racional e consciente. Ao contrário, boa parte do esforço sociológico consiste em demonstrar como as escolhas são produzidas a partir de constrangimentos socialmente definidos e, em parte, internalizados. Além disso, é preciso ressaltar que uma escolha não se restringe ao momento circunscrito do tempo em que uma decisão é concretizada. Ao contrário, esse momento é apenas o resultado final de um processo mais ou menos longo de tomada de decisão.

3 Para uma discussão geral sobre as pesquisas sociológicas que tratam do processo de escolha do curso superior, ver: Nogueira (2004, 2005). Para uma discussão mais específica sobre o processo de autoseleção envolvido na escolha do curso superior, ver, entre outros: Duru-Bellat e Mingat (1988); Paul e Silva (1998).

4 O Censo Socioeconômico e Étnico na UFMG é baseado em questionários aplicados a todos os candidatos que prestam o vestibular da universidade.

5 Para uma discussão sobre o prestígio social dos cursos superiores, ver, entre outros: Setton (2002).

6 Caso de professores que inicialmente fizeram cursos de bacharelado, mas que posteriormente fizeram formação complementar para atuarem como docentes.

7 Como já foi dito, esse comportamento foi observado de forma clara em pesquisa anterior sobre o curso de Pedagogia da UFMG (Nogueira e Pereira, 2010). Os pais mais escolarizados e com nível socioeconômico mais alto reagem negativamente à escolha de Pedagogia, lamentando o fato de os filhos não terem escolhido cursos de maior prestígio. Os pais menos escolarizados e com nível socioeconômico mais baixo, ao contrário, mostravam-se mais satisfeitos com a opção dos filhos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. *Escritos de educação*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Alfredo (Org.). 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DURU-BELLAT, Marie; MINGAT Alain. Les disparités de carrières individuelles a l'université: une dialectique de la sélection et de l'autosélection. *L'Année Sociologique*, v. 38, p. 309-340, 1988.

NOGUEIRA, Cláudio M. M. *Dilemas na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: o processo de escolha do curso superior*. 2004. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. Desafios teóricos na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: a escolha do curso superior. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Caxambu. *Anais...* Caxambu, 2005.

_____. O processo de escolha do curso superior: análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 30., 2007, Caxambu. *Anais...* Caxambu, 2007.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.; PEREIRA, Flávia G. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 15-38, 2010.

PAUL Jean-Jacques; SILVA, Nelson V. Conhecendo o seu lugar: a auto-seleção na escolha de carreira. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 14, n. 1, p. 115-130, 1998.

SETTON, Maria G. J. A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 80, n. 196, p. 451-471, 2002.

Dados dos autores:

*Cláudio Marques Martins Nogueira

Doutor em Educação e Professor – Departamento de Ciências Aplicadas à Educação/ Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais – FAE/UFMG.

Endereço para contato:

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação – FAE/UFMG

Departamento de Ciências Aplicadas à Educação – sala 1604

Av. Antônio Carlos, nº 6627

31270-901 Belo Horizonte/MG – Brasil

Endereço eletrônico: cmmn@uol.com.br

****Flávia Juliana de Almeida**

Graduanda em Pedagogia.

Endereço eletrônico: flavia.almeida17@hotmail.com

*****Kelly Aparecida de Sousa Queiroz**

Graduada em Pedagogia.

Endereço eletrônico: ksqueiroz@gmail.com

Data de recebimento: 24 set. 2010

Data de aprovação: 20 dez. 2010